

Nas entranhas do aprender: potencialidades do Plano Comum com a Educação Matemática

Eixo 06 – Ética e política na educação

Maria Eduarda Miranda Dugois - FEUSP - maria.dugois@usp.br

Michela Tuchapesk da Silva - FEUSP - michelat@usp.br

Decorrente de uma pesquisa de Mestrado em andamento, este trabalho visa problematizar o aprender matemática, realizando conexões com a Filosofia da Diferença e se atentando às potencialidades do conceito de Plano Comum com a Educação Matemática. Para tal, utilizaremos a Cartografia com o objetivo de produzir uma escrita atenta às relações de saber e poder engendradas em aulas de matemática, criando mapas que possibilitam caminhos outros para pensar o aprender.

Interessadas na mobilização de afetos com os corpos e a matemática e o Plano Comum e... e... e..., nos atentaremos aos engendramentos que serão produzidos nos encontros agenciados em um Plano Comum, movimentando a seguinte questão: O que pode o aprender matemática enquanto acontecimento no Plano Comum?

Com Deleuze (2006), consideramos o aprender enquanto um processo que se constitui como uma violência, um choque entre as linhas que compõem um território e, por isso, “nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender [...], por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar.” (p. 159). Trata-se de uma produção singular e coletiva engendrada por encontros, que são produzidos a partir da movimentação das relações de força em um território, e que se efetuam entre “[...] corpos humanos, animais, sonoros... corpo de uma ideia, de uma língua, de uma coletividade...” (Rolnik, 2016, p. 39).

Dessa maneira, entendemos que uma das pistas para problematizar o aprender seja se atentar e movimentar o conceito de Plano Comum, no qual produções de saberes coletivos se tornam possíveis. Proposto por Kastrup e Passos (2013), o Plano Comum se consiste enquanto um plano intensivo que possibilita múltiplos encontros capazes de produzir agenciamentos entre os corpos que o compõem. Este plano recebe a denominação de *comum* por operar conexões heterogêneas em um plano pré-individual e coletivo, tornando possível múltiplas experimentações pois “no coletivo não há [...] propriedade particular, nada que seja privado, já que todas as forças estão disponíveis para serem experimentadas. (Kastrup; Passos, 2013, p. 270).

Assim, para que fosse possível experimentar e realizar composições com as múltiplas forças disponíveis em um Plano Comum, escolhemos a Cartografia enquanto prática de pesquisa, pois ela nos possibilita percorrer as múltiplas conexões agenciadas em um território, acompanhando e tensionando os processos nas entranhas do aprender.

O conceito de cartografia, proposto por Rolnik (2016), inspirado em Deleuze e Guattari (1995), consiste enquanto uma prática que visa mapear a subjetividade humana. Segundo a autora, o cartógrafo tem a tarefa de dar língua aos afetos que pedem passagem, tensionando e tornando visível algumas linhas de força que engendram modos de subjetivação, e produzindo composições junto ao território que é cartografado.

Tal prática de pesquisa só é possível quando se deixa afetar pelas linhas que compõem o território pesquisado e, por isso, entendemos a cartografia como uma experimentação metodológica na qual a questão “o que pode o aprender matemática enquanto acontecimento no Plano Comum?” é praticada enquanto um exercício de atenção constante empreendido pela pesquisadora nas aulas de matemática.

Este exercício tem como finalidade se atentar aos fluxos que se movimentam no território, lhes dando ou não passagem, levando sempre em consideração um princípio

extramoral de expansão da vida (Rolnik, 2016). Dessa maneira, empreendendo um constante movimento de composição com os fluxos, pretendemos produzir um mapa com múltiplas entradas e saídas, possibilitando conexões heterogêneas a partir dele pois, consideramos que

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21)

Assim, entendemos que o mapa cartográfico nos possibilita operar composições entre a Filosofia da Diferença e a Educação Matemática, contribuindo para a desnaturalização de práticas e ideias já estabelecidas, e possibilitando a criação de pensamentos outros. Neste processo ético e político, consideramos o Plano Comum enquanto um conceito que nos possibilita criar e experimentar caminhos outros na Educação Matemática, nos quais seja possível um aprender coletivo, produzindo matemática *com* o professor e *com* os colegas e *com* o livro e... e... e..., contrárias ao fazer matemática *como* o professor, uma vez que “nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem ‘faça comigo’ e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo.” (Deleuze, 2006, p. 48).

Palavras-chave: Educação Matemática, Plano Comum, Cartografia.

Principais referências bibliográficas:

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução de Cláudio Sant’Anna Martins; revisão da tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense. 2005.

DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro : Editora 34, 1995.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal**, Niterói, v. 25, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4942>>. Acesso em: set. 2021.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.